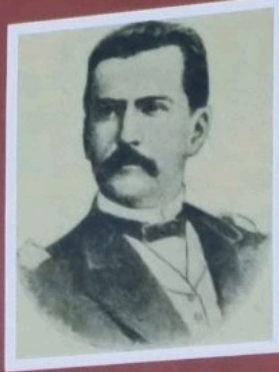


Luiz Philippe de Saldanha da Gama

NOTAS DE VIAGEM

TOMADAS AO CORRER DA PENA DURANTE A COMISSÃO DA CORVETA PARNAHYBA AO ESTREITO DE MAGALHÃES E COSTA DA PATAGÔNIA, POR OCASIÃO DA PASSAGEM DE VÊNUS PELO DISCO SOLAR EM 6 DE DEZEMBRO DE 1882





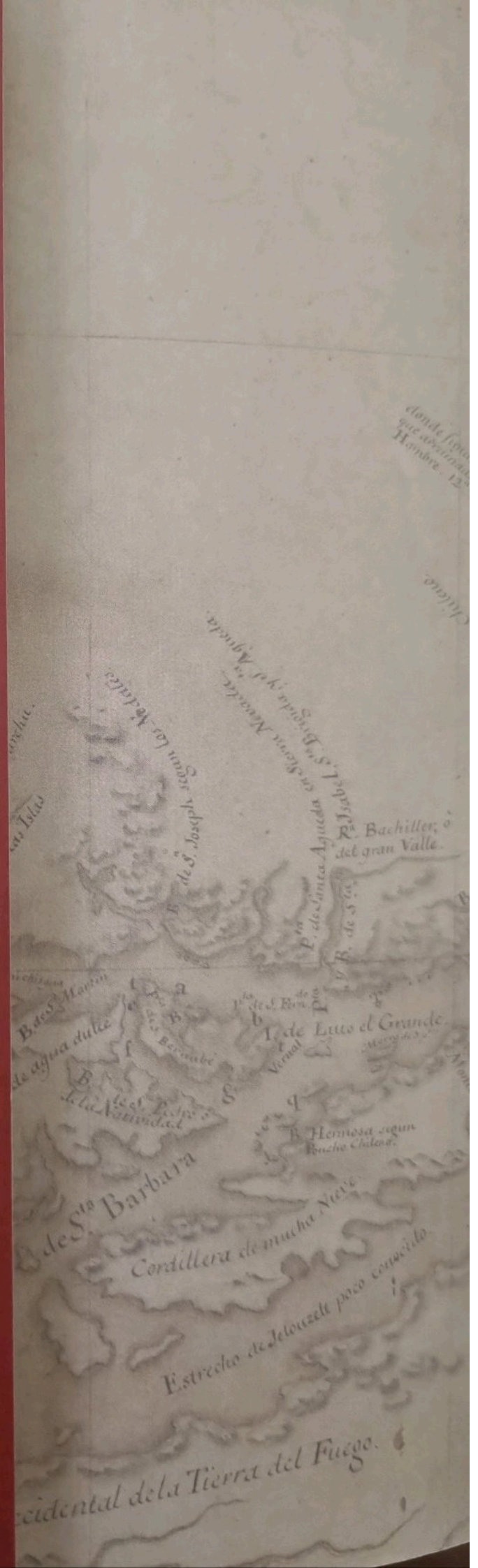
Luiz Philippe de Saldanha da Gama nasce em Campos, Rio de Janeiro, em 7 de abril de 1846, filho de uma tradicional família de proprietários de terra descendentes da nobreza imperial.

Aos 15 anos de idade ingressa na Armada Nacional, como aspirante a Guarda Marinha, avançando na carreira até o posto de Contra-Almirante, com participação ativa nos principais eventos que marcaram a história do Brasil em seu período.

Por sua cultura e intelectualidade, representa o país no estrangeiro, e em 1882, recebe a grande missão de conduzir a comissão astronômica brasileira até a cidade de Punta Arenas, localizada no Estreito de Magalhães, região que receberia também as comissões alemã e francesa, por ocasião da observação da passagem de Vênus pelo disco solar, no Primeiro Ano Polar Internacional.

Em 1884, funda no Rio de Janeiro o Clube Naval, e em 1892 assume a direção da Escola Naval.

Falece em combate no Campo Osório, em 24 de junho de 1895, deixando um legado inestimável à Marinha do Brasil, que o reconhece como um dos grandes vultos de sua história.



CAPITÃO DE FRAGATA LUIZ DE SALDANHA
Luiz Philippe de Saldanha da Gama

NOTAS DE VIAGEM

TOMADAS AO CORRER DA PENA DURANTE A COMISSÃO DA CORVETA PARAHYBA AO
ESTREITO DE MAGALHÃES E COSTA DA PATAGÔNIA, POR OCASIÃO DA PASSAGEM DE VÊNUS
PELO DISCO SOLAR EM 6 DE DEZEMBRO DE 1882

Sônia Pinheiro

Organizadora

VITÓRIA - ES

2023

Organizadora
Sonia Pinheiro

Pesquisa de texto e digitação
Sonia Pinheiro

Consultoria de pesquisa
Ivana de Araujo

Revisão técnica
Vagner Rigola

Apoio à Revisão
Ana Carolina Medici Rocha
Emanuel Helbert

Projeto Gráfico e Capa
Alexandre Alves Matias

Foto da capa: Corveta Parnahyba no Estreito de Magalhães: Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional.
Mapa histórico do Estreito de Magalhães: Acervo Iconográfico da Biblioteca Nacional.

Ficha catalográfica elaborada por Ana Carolina Medici Rocha.

Saldanha da Gama, Luiz Philippe de.

S162n Notas de viagem: tomadas ao correr da pena durante a
Comissão da corveta PARNAHYBA ao Estreito de Magalhães e costa
da Patagônia por ocasião da passagem de Vênus pelo disco solar em 6
de dezembro de 1882 / Sonia Pinheiro (org.); prefácio de Sonia Pinheiro;
posfácio de Vagner Rigola – 5.ed. – Vitória : [S.n.], 2023.

318 p.

ISBN 978-65-00-81538-2

1. Grandes viagens. 2. Narrativas de viagens. 3. Expedição
científica. 4. Estreito de Magalhães. 5. Chile, Patagônia. I. Pinheiro,
Sônia. II. Título.

910.92

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	5
PRIMEIRA PARTE	12
Escolha do navio para a comissão — Preparativos de saída — Partida e viagem até Montevideú — Estada em Montevideú — Viagem até o Estreito de Magalhães — Chegada a Punta Arenas.	
SEGUNDA PARTE	38
Punta Arenas — Histórico da fundação da colônia; sua razão de ser e peripécias de sua existência; seu estado atual e seu futuro — Os arredores de Punta Arenas — Breves considerações sobre a Patagônia e a região magalhânica, sua natureza geológica, raças que a habitaram e as que ainda a habitam, sua fauna e flora.	
TERCEIRA PARTE	108
Segunda estação astronômica: A ilha dos Contramestres e a baía de Gente Grande — Observação da passagem de Vênus pelo disco solar — Trabalhos complementares da comissão e exercícios da <i>Parnahyba</i> — Excursões dentro do Estreito — Visita ao interior da Terra do Fogo — Preparativos para o regresso.	
QUARTA PARTE	182
Aprestos para a viagem de regresso — Partida de Punta Arenas — Despedida da ilha dos Contramestres — Saída do Estreito — Primeiro acidente — Santa Cruz — Segundo acidente — As Barrancas Brancas e suas ostrarias fósseis — Porto Desejado — Os Sambaquis — Bahia Blanca — Terceiro acidente — Investida ao canal do Rio da Prata — Buenos Aires e Montevideú — Chegada ao Rio de Janeiro.	
<i>Posfácio</i>	310

POSFÁCIO

O oceano inspira os sonhos poéticos e de grandeza do homem. A relação entre o homem e o mar ocorre desde a pré-história, portanto os relatos a respeito do assunto remontam à própria origem da literatura. Ao longo do tempo, essa vinculação reiteradamente se apresentou como uma desafiadora experiência de perspicácia e poder.

Desde as odisséias e viagens descritas nos clássicos da antiguidade, passando pelos descobrimentos modernos até as viagens contemporâneas, já contando com todo o aparato tecnológico do nosso tempo, as viagens e as explorações marítimas sempre se apresentaram repletas de simbolismos. E essa é uma das razões por que tanto fascinam a literatura universal. Conforme sugeriu Gaston Bachelard, “a imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade: é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade”².

Jornadas tal qual a realizada pela corveta *Parnahyba*, entre os anos de 1882 e 1883, trazem em si a aventura e a possibilidade de novos conhecimentos, mas também a responsabilidade, a ausência e todos os obstáculos típicos de uma empreitada por mares bravios em distante território estrangeiro, enfrentando clima hostil e com frequente exposição aos povos nativos, nem sempre receptivos ao contato com estudiosos e exploradores.

Estar no mar é estar exposto ao perigo de vida. Por si só, uma viagem marítima traz em si, senão a ideia da busca pelo desconheci-

2 BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998, pp. 17-18.

do; ao menos a possibilidade do inesperado. Seja pelo interesse comercial ou pela ambição por riquezas, pelas imposições do local de origem ou mesmo pelo espírito de aventura; os homens e os povos historicamente procuraram o mar.

O próprio Brasil, tal qual o conhecemos, nasceu diretamente ligado ao mar, com um litoral tão imenso que impede qualquer proposição em contrário. Depois, uma grande marinha o encontrou e por meio dela o território foi colonizado. Essa natural e histórica relação detém um enorme potencial a ser desenvolvido; uma verdadeira virtude que em muito ultrapassa a mera coincidência.

A viagem entre os anos 1882 e 1883, que se acaba de conhecer em maiores detalhes pelos registros deixados pela mente privilegiada do então Capitão de Fragata Luiz Philippe Saldanha da Gama, bem demonstra a capacidade de projeção e desempenho de grandes atribuições a que este país está predestinado desde longa data, bastando uma condução adequada. A jornada foi de grande relevância. A passagem de Vênus por entre o Sol e a Terra, permitindo a sua visualização a partir do nosso planeta, é um evento astronômico bastante singular, cuja ocorrência se dá a cada 105.5 ou 121.5 anos, aos pares, já que se repete após 8 anos da ocorrência dos intervalos maiores.

Trata-se de um fenômeno semelhante ao eclipse solar pela Lua, pois ocorre pelo alinhamento dos três corpos celestes. Nessas ocasiões, o planeta Vênus surge diante da superfície solar como um ponto negro que se desloca no sentido leste-oeste, permitindo a sua observação durante algumas horas, embora ofuscado pela luz do astro-rei. Esse fenômeno astronômico raro foi usado no passado como auxílio aos cálculos de determinação da distância entre o Sol e a Terra.

Na ocorrência de 1882, países como Estados Unidos, França e Inglaterra constituíram comissões de estudo. O Brasil foi convidado a participar pela Academia de Ciências de Paris e organizou três comissões astronômicas para a observação e estudo do fenômeno. A primeira realizaria a observação a partir do território nacional, em

Olinda-PE. A segunda partiria para as Antilhas, a bordo do vapor *Cyphrenes*, da empresa norte-americana Roach & Son, que levaria a bordo o Capitão de Mar e Guerra Antônio Luiz von Hoonholtz, o Capitão-Tenente Francisco Calheiros da Graça e o Primeiro-Tenente Índio do Brasil e Silva para realizar a observação a partir da Ilha de São Tomás. E a terceira, a ser levada pela corveta *Parnahyba*, comandada por Saldanha da Gama, deveria fazê-la a partir da cidade de Punta Arenas, no estreito de Magalhães, em território chileno.

Sobre essa última, o conteúdo deste livro demonstra a todas as luzes a seriedade, o comprometimento e a profundidade com que foi levada a cabo tão relevante tarefa. Era uma atribuição *sui generis*, com uma equipe admirável em um navio distinto, comandado por um homem singular.

Os resultados em muito ultrapassaram a mera observação do trânsito de Vênus pelo disco solar, legando à posteridade este rico relato de experiências marítimas, geográficas, geológicas, biológicas, climatológicas e antropológicas. Saldanha da Gama iniciou as suas notas de viagem lembrando os porfiados debates no parlamento e na imprensa em torno da comissão e da escolha do navio destinado a tão importante encargo.

A *Parnahyba* era uma corveta mista projetada sob os auspícios do Engenheiro Naval Trajano Augusto de Carvalho. Um navio de 52 metros de comprimento, 8 metros de boca e 742.7 toneladas de deslocamento, construído no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro; com casco composto no sistema *compound*, isto é, de madeira e ferro. A "gazela dos mares", como era chamada, por mesclar regulares qualidades veleiras com boa marcha na propulsão a vapor, havia sido lançada ao mar há poucos anos, em 28 de agosto de 1877, e comportava cinco tanques de aguada com ca-

pacidade de 10.540 litros e ração para 200 praças durante 60 dias³.

No primeiro semestre de 1882, já sob o comando de Saldanha da Gama, a belonave havia partido para Buenos Aires a fim de representar o Brasil na Exposição Continental, em cuja viagem demonstrou ser um navio muito confiável, o que contribuiu em grande medida para "as honras da escolha". O pessoal empregado na missão no Chile também foi devidamente selecionado.

A comissão contava com a liderança do Diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro Dr. Luís Cruls, o Chefe das Oficinas Francisco Moreira de Assis, o naturalista Gustavo Rumbelsperger e os Segundos-Tenentes Ernesto Midosi e Carlos Midosi. Compunham ainda a oficialidade o Imediato Primeiro-Tenente Arthur da Serra Pinto, os Oficiais de Catavento Segundos-Tenentes João de Souza Franco, Estevão Adelino Martins e João da Silva Retumba, o médico Dr. Joaquim Dias de Laranjeira, o Oficial de Fazenda Telasco José Fernandes e o 1º maquinista Manuel Severino.

Sem qualquer demérito em relação às outras duas comissões astronômicas brasileiras dedicadas ao mesmo fim; para este posfácio importa, porém, salientar a figura do comandante da corveta *Parnahyba*, o Capitão de Fragata Luiz Philippe Saldanha da Gama, homem insigne morto no contexto da Revolução Federalista, menos de treze anos depois da realização da viagem da Comissão Astronômica Brasileira. A qualidade dos apontamentos que ora são republicados muito retratam sua distinção, visão, cultura e capacidade técnica. À medida que se perscrutam os conhecimentos sobre a trajetória desse Oficial, mais aumenta a percepção de sua relevância histórica. Essa, aliás, é uma marca dos grandes vultos. O homem se vai e o legado permanece.

³ BOITEUX, Lucas A. Das nossas naus de ontem aos submarinos de hoje – ligeiro histórico dos navios da Armada 1822-1946. In: *Subsídios para a História Marítima do Brasil*. Vol. xxiv. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1971, p. 93.

Saldanha da Gama foi um homem ilustrado e em constante aprimoramento, capaz de sacrificar a vida por um ideal. Embora tenha vivido no tempo de Tamandaré, de Barroso, de Inhaúma, de Jaceguay, de Custódio, de Wandenkolk, dos Noronhas e de Alexandrino, destacou-se por seus próprios atributos. Mesmo após o seu falecimento, homens de realce na Marinha de Guerra tiveram orgulho em se designar “discípulos de Saldanha”.

Com a sua morte prematura em Campo Osório, no dia 24 de junho de 1895; Ruy Barbosa, referindo-se à Marinha, declarou que ao Brasil “a ingrata fortuna das armas roubou-lhe em Saldanha da Gama o herói dos heróis, o seu reorganizador possível, o homem mais completo e o caráter mais extraordinário que já conheci nesta terra”⁴. E o Almirante Artur Thompson dele dizia que era “educador excepcional, sempre acatado e respeitado, constituindo-se num ídolo para a aspirantada”, sendo considerado pelo seu alto prestígio, o “*primus inter pares*, na Marinha de Guerra”⁵.

Apesar da certeza de que ao chegar neste ponto o leitor já tenha conseguido vislumbrar a relevância do conteúdo desta obra, não é demais lembrar que, já no final do século XIX, um navio da Marinha de Guerra, de fabricação e bandeira brasileiras, enfrentou os mares tempestuosos do sul do mundo; observando, explorando e trazendo detalhes sobre um fenômeno astronômico e sobre as peculiaridades dos recônditos territórios austrais. Mais tarde, em 1904, aludindo à viagem da corveta *Parnahyba*, o Dr. Luiz Cruls, um dos organizadores e líderes da missão, registrou nostalgicamente: “das diversas comissões que até hoje tenho desempenhado, nenhuma deixou-me tantas saudosas recordações”⁶.

4 OLIVEIRA, Ruy Barbosa de. Cartas de Inglaterra - 1896. In: *Obras completas de Ruy Barbosa*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1946, vol. XXIII, tomo I, p. 6.

5 COSTA, Dídio I. A. da. *Centenário do Almirante Saldanha (1846-1946)*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1947, p. 339.

6 VIDEIRA, Antonio A. P.; VIEIRA, Cássio L. Sob os céus do Brasil. Os 150 anos do nascimento de Luiz Cruls. *Revista Ciência e Memória*, Rio de Janeiro, ON/MCT, 1998, p. 9.

Hoje podemos verificar, com clareza, que a viagem da corveta *Parnahyba* para observação da passagem de Vênus pelo disco solar, em 6 de dezembro de 1882, foi o passo inicial de uma longa trajetória científica no extremo sul do mundo, de cuja continuidade o Brasil não mais desistiria, apesar da intermitência e de todas as dificuldades. Com o reconhecimento das potencialidades científicas, econômicas, geopolíticas e estratégicas do Continente Antártico e a descoberta de sua influência sobre os sistemas naturais globais e regionais, as principais nações do mundo se interessaram em constituir bases de pesquisas permanentes no local.

Nesse sentido, a viagem ao extremo sul do Continente Americano se traduziu em um passo importante para o futuro desenvolvimento dos interesses do Brasil nos estudos antárticos. Aquela foi a primeira participação do país em uma expedição científica de projeção internacional com o apoio da Marinha. Um marco que, após um século, finalmente se consolidaria na criação do Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) em 1982 e no estabelecimento da Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), na Ilha Rei George, no Arquipélago das Shetlands do Sul dois anos depois.

Com o estabelecimento de uma base permanente e a oficialização das atividades científicas por meio do PROANTAR, o Brasil tornou-se um membro consultivo do Tratado da Antártica e entrou no concerto das nações com plena participação em torno das decisões sobre o continente gelado.

Este texto, portanto, é uma confluência de histórias e ciências. É um exercício para a valoração dos esforços daqueles que nos antecederam. Recordemos que “os povos sem capacidade para julgar os mortos com imparcialidade, não a têm, igualmente, para tratar os vivos com justiça”⁷. Sejamos justos para ser grandes, como o mar.

⁷ COSTA, Dídio I. A. da. *Op. cit.*, p. 177.

Pois, conforme anotou o ilustre Ruy Barbosa, ele (o mar) é o “grande avisador”, “um curso de força e uma escola de previdência. Todos os seus espetáculos são lições: não os contemplemos frivolamente”⁸.

Não há nenhum lugar melhor para contemplar o céu do que a partir do mar. A corveta *Parnahyba* “muito navegara a serviço da ciência da qual os grandes luzeiros da humanidade, um Kepler, um Newton, um Pasteur nunca desassociaram a ideia de Deus e da magnitude de suas obras. Sobretudo no campo do infinito”⁹. Da conjunção de esforços brotam os resultados, pois conforme anotou Fernando Pessoa, “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”¹⁰.

Vagner R. Rigola

Capitão-Tenente (AFN)

Mestre em História Marítima (Universidade de Lisboa).

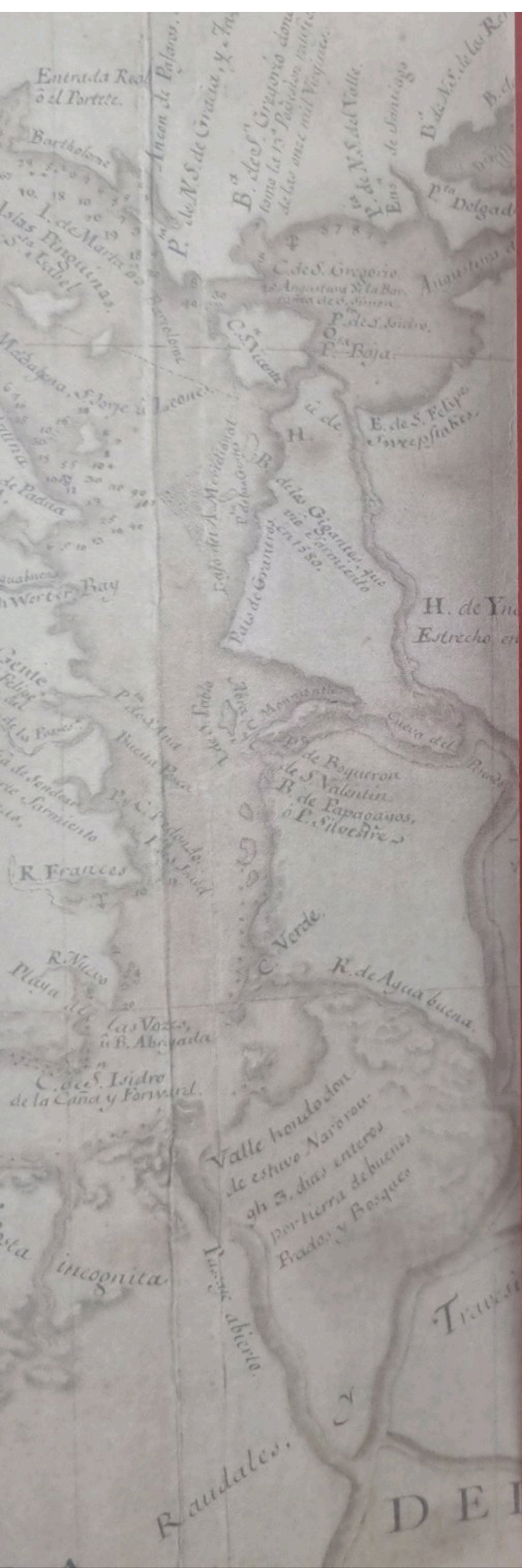
Pesquisador do Departamento de História da Diretoria do Patrimônio

Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

8 OLIVEIRA, Ruy Barbosa de. A lição das Esquadras. *A Imprensa*, ano I, n. 43, de 16 de novembro de 1898, p. 1.

9 DORIA, Escragnolle. Passagem de Vênus. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano XI, 29 de abril de 1939, p. 18.

10 PESSOA, Fernando. *Mensagem*. 10ª edição. Lisboa: Editora Ática, 1972, p. 57.



Partindo da Baía de Guanabara no Rio de Janeiro, sob às ordens do Imperador Dom Pedro II, o Capitão de Fragata Luiz Philippe de Saldanha da Gama comanda a Expedição da corveta *Parnahyba*, com a missão de conduzir até a cidade de Punta Arenas, no Chile, a equipe chefiada pelo astrônomo Luiz Cruls, para observação da passagem de Vênus pelo disco solar, no dia 06 de dezembro de 1882.

Muito além de navegar os tormentosos mares das altas latitudes do Atlântico Sul, o ilustrado comandante registra em seus diários de bordo a biodiversidade da fauna e flora patagônicas, descrevendo a geografia natural e humana da região descoberta por Fernão de Magalhães em 1520, no cenário da Primeira Viagem ao Redor do Mundo (1519-1522).

Marcada pelo encontro com aborígenes da Terra do Fogo, excursões em meio a paisagens de geleiras dos canais do Estreito de Magalhães, caminhos marítimos onde até então nenhum navio do porte da corveta *Parnahyba* havia navegado, o livro encherá os olhos e o coração do leitor, que reconhecerá na obra um grande clássico, que insere o Brasil na literatura de navegação de exploração científica do século XIX.

O clarão crepuscular se extinguiu já, e ainda os visitantes se conservavam ao pé da geleira, não fatigados de contemplá-la e examiná-la. O vento caíra de todo; as águas da vasta bacia dormiam tranquilas; do maciço das árvores das encostas circunjacentes não saía o mais leve rumor. Havia alguma coisa de fantástico, em tudo quanto se passava em horas tão mortas nos recessos daquele ermo. E era a noite de Natal! Por uma circunstância impensada, toda fortuita, dava-se tão particular coincidência, como para melhor fixar a data da excursão na memória dos que tinham a fortuna de a efetuar.

Luiz Philippe de Saldanha da Gama



9 786500 815382